

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O liberal

Class.: \_\_\_\_\_

Data: 18.08.87

Pg.: \_\_\_\_\_

**Índios apreendem madeira  
para reivindicar reajuste**

Vinte e cinco caminhões carregados de mogno foram apreendidos, ontem, à madeireira Sebba, pelos índios Gorotire, no interior da reserva Kaiapó, no Sul do Estado. Os índios reivindicam o reajuste dos preços pagos pela empresa para a extração da madeira — de 5 para 8 OTNs (Obrigações do Tesouro Nacional), por metro cúbico. E prometem só liberar os caminhões a quando do reajuste.

Essas informações foram dadas, ontem, à imprensa, pelo índio Kubei Kaiapó, dos Gorotire. Ele disse que todas as demais empresas que trabalham na extração de mogno, na reserva Kaiapó, vêm pagando 8 OTNs por metro cúbico, enquanto a Sebba paga, aos Gorotire, 5 OTNs, e aos Aukre, 3. Kubei veio a Belém para tentar obter a intermediação da Funai na resolução do problema.

“Se eles não quiserem pagar mais, nós não vamos liberar nem a madeira e nem os caminhões” — afirmou Kubei. Ele não soube precisar quantas empresas realizam extração madeireira na reserva e nem o lucro já obtido pelos índios. Mas informou que todas as demais aldeias Kaiapó, onde também se permite essa atividade — Kikretun, Kubenkankren e Kokraimoro — recebem 8 OTNs por metro cúbico.

O superintendente regional da Funai, Salomão Santos, admitiu que os Gorotire realmente recebem menos pela extração, mas isso em virtude de especificidades contratuais. E que os Gorotire queriam trocar o mogno pela construção de uma estrada de 50 quilômetros, que ligasse a aldeia à cidade de Redenção. A Funai, recorda Salomão, interveio e conseguiu que, além de construir a estrada, a Sebba pagasse mais 7,1 OTNs por cada uma das 10 mil árvores que pretendia retirar.

Firmado em 83, após concorrência pública, o contrato ganhou, em maio do ano



Foto Antônio Silva

**Kubei: 8 OTNs por m3**

passado, um aditivo: a Sebba passaria a pagar 3,383 OTNs por metro cúbico de madeira, o que daria mais ou menos 24 OTNs por árvore, aumentando em mais 50 mil metros cúbicos o volume a ser extraído. Isso porque, conta Salomão, os índios queriam, agora, não apenas a estrada, mas também a construção de casas de alvenaria.

Em junho desse ano, prosseguiu, foi realizado mais um aditivo, visando à conclusão das casas: a Sebba passou a pagar 5 OTNs por metro cúbico e mais 1 OTN pelo aproveitamento do resíduo (galhos e forquilhas) e ampliou em mais 50 mil metros cúbicos

o total a ser extraído. Em julho, ela adiantou aos Gorotire Cz\$ 13 milhões, a primeira parcela do dinheiro para a construção de mais 15 casas de alvenaria, além das 40 já existentes na aldeia.

Salomão salienta que, nos contratos firmados, posteriormente, entre madeireiras e as demais tribos indígenas, não houve a obrigatoriedade da construção de uma estrada, o que permitiu que a Funai elevasse os valores cobrados pelo mogno. Além da construção, acrescentou, a empresa comprometeu-se a entregar a estrada em perfeitas condições, ao final de sua atividade.

O superintendente regional da Funai mostra-se preocupado com a ampliação das exigências dos índios, que se antes queriam apenas uma estrada, hoje querem casas de alvenaria, escolas, enfermarias, melhoria no abastecimento de água, já tendo adquirido, também, veículos automotores e até um avião. E preocupa-se, sobretudo, com o fato de a exploração madeireira não ter sido precedida por um inventário florestal, o que permitiria o manejo sustentado, como prevê a legislação.

“O índio é muito imediatista e não entende isso” — afirma Salomão. Ele conta que, quando tentou paralisar os trabalhos na reserva, no início deste ano, para permitir a realização do inventário, uma liderança Kaiapó foi até Brasília para pedir a sua substituição na Superintendência Regional da Funai. E apesar de a floresta ainda não se ressentir da atividade, sustenta, o mogno cedo ou tarde se esgotará, por ser objeto de uma atividade predatória. Garante que acatará a decisão dos índios, caso estes queiram interromper o contrato, firmado, enfatiza Salomão, por vontade deles. E informa que, no final deste mês, haverá uma reunião na aldeia Gorotire, com a Sebba e a Funai, para tentar solucionar o problema.